Ano XXIV — Lisboa, Julho de 1968 — N.º 279

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com "o Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 • Comp. e Imp.: Livraria Cruz — Braga

POLUIÇÃO

Por *Joel Ribeiro*

Há palavras que, mercê de variadas contingências, ganham, por vezes, uma popularidade até determinada altura inesperada. Termos pouco usados, esquecidos nas páginas dos léxicos, quase ignorados do povo, de um momento para o outro alcançam um prestígio tal que passam a ser repetidos continuamente nas tertúlias de amigos, nas colunas dos jornais, nos noticiários da rádio e da televisão e, bastas vezes, ganham jus a ser abordados em obras de muitas páginas, tratadas por especialistas de nomeada.

Não são raros estes fenómenos, mas ocioso seria procurar uma exemplificação, dado que é sobre um caso desta natureza que desejamos fazer agora algumas considerações.

Trata-se da palavra poluição, até há pouco sem emprego por aí além, mas que presentemente é alvo de uma desusada utilização.

O que é a poluição? Segundo os dicionários, que até agora não lhe dedicaram a atenção que, de futuro, certamente lhes vai passar a merecer, poluição é o acto ou efeito de manchar, conspurcar, profanar, macular. Porém, nos tempos que correm, o termo é usado para designar a existência na atmosfera, nas águas ou no solo de resíduos de produtos químicos, lançados nesses meios, e que aí exercem uma acção tóxica.

O problema assume aspectos de certa gravidade com o desenvolvimento das indústrias. Estas, umas vezes conspurcam o ar com a tiragem das suas grandes chaminés, ou põem em perigo a fauna e a flora fluviais ou marítimas por os esgotos lançarem, nessas águas, enormes quantidades de matérias corrosivas, escórias da sua laboração.

Os escapes dos automóveis também são acusados da poluição da atmosfera das grandes cidades. Vozes autorizadas culpam-nos até de serem os veículos de algumas perigosas doenças.

Não ficam por aqui, contudo, os males que são hoje designados por poluição. Há a produzida nos mares pela lavagem dos tanques dos petroleiros, ou causada pelo espalhamento na superfície marítima de grandes quantidades de petróleo, quando do naufrágio de monstruosos navios-tanques que cruzam os oceanos. Há até quem chame poluição pelo barulho os nefastos distúrbios produzidos no nosso sistema nervoso pelas várias categorias de ruídos que afligem hodiernamente as grandes urbes civilizadas.

Todavia, a par desta poluição, cuja origem é claramente de ordem material, há aquela que poderíamos designar como poluição dos costumes ou dos sentimentos, de cujas manifestações somos hoje constantes espectadores e que encontram a sua materialização nos bandos de *teddy-boys*, *hippies* e noutras famigeradas formas de indisciplina moral e mental.

Chega-se, assim, à conclusão de que os tempos modernos criaram condições muito particulares propícias à poluição, a qual pode ser considerada, sem sombra de exagero, um dos caracteres relevantes da época actual.

Poluição material, por um lado; poluição dos costumes, por outro, são sintomas pouco prestigiosos para o apregoado e tantas vezes festejado progresso, faceta negativa que, como um parasita, com ele anda constantemente envolvida.

Para obviar aos perigos que tal situação implica, estão sendo tomadas providências convenientes. Porém, infelizmente, enquanto para debelar a poluição material se põem em movimento iniciativas válidas

Continua na pág. 6

A FRATERNAL DOS ANTIGOS ESCOTEIROS VISITOU A CIDADE DO PORTO



Troca de lembranças entre os dirigentes da Secção de Campismo da Fraternal e os Chefes dos Núcleos do Porto e Gaia, srs. Rev. Vidal Vieira dos Santos e Arnaldo Eduardo Couto. À direita, o sr. Comandante Coutinho Lanhoso, Delegado dos Serviços Centrais do Norte, tendo à sua direita o Presidente da Fraternal, sr. Humberto Martins, o Secretário-Geral da AEP, sr. Albano da Silva, e à esquerda o sr. Xavier de Brito, secretário da Mesa da Assembleia Geral da Fraternal.

(Foto WOLF KARL)



ITALIA

Vai realizar-se o Acampamento Nacional dos Exploradores Italianos

Os escoteiros italianos dirigiram um convite aos escoteiros e caminheiros de todos os países para tomarem parte no Acampamento Nacional que se vai realizar, de 1 a 11 do próximo mês de Agosto, nas proximidades de Cagli, na região central do país.

Estão previstas várias actividades para as patrulhas participantes.

4.º Concurso Internacional de pintura e fotografia escotistas

Vai realizar-se, de 8 a 22 de Setembro p. f., em Arco (Trento), este já célebre concurso escotista.

O certame é dedicado a jovens amadores de pintura e fotografia. Na parte de pintura, são recebidos trabalhos de técnica livre, que devem estar baseados em actividades ou vida escotistas.

A inscrição é de 1 dólar por cada trabalho, e devem estar na posse da Segreteria Premi Scouts — 38062 Arco (Trento) até ao dia 31 de Agosto p. f.

As pinturas devem estar colocadas num suporte rígido. O título será posto nas costas da pintura, com uma marca de identificação, a qual deve ser também escrita no interior de um sobrescrito, que conterá o nome, a idade e o endereço exacto do concorrente.

Os escoteiros indicarão também o grupo a que pertencem.

O júri seleccionará os trabalhos que serão exibidos na exposição, entre os quais será designado o vencedor do troféu «Olivo d'Oro 1968», bem como os que receberão outros prémios cujo valor totaliza dois milhões de liras.

Na parte de pintura, o concurso também está aberto aos jovens amadores nas categorias: fotografias a branco e preto (medidas mínimas de 18 × 24); e fotografias a cores (13 × 18) e «slides» também a cores. Os motivos das fotografias serão baseados na vida e actividades escotistas.

Os trabalhos, cada um acompanhado de 1 dólar, deverão estar na posse da Segreteria Premi Scouts, no endereço acima indicado, também até ao próximo dia 31 de Agosto.

O título deve ser colocado nas costas de cada fotografia, com uma marca de identificação, a qual deve também ser escrita no exterior de um sobrescrito, que conterá o nome, idade e endereço completo do concorrente, juntamente com os dados técnicos relativos a cada trabalho (máquina, tempo de exposição, película, etc.) Os escoteiros devem indicar qual o grupo a que pertencem.

O júri escolherá as fotografias que devem figurar na exposição, entre as quais será designada a que vencerá o prémio «Arco d'Oro 1968», bem como outras que receberão prémios avaliados em dois milhões de liras.

SUIÇA

5.ª Conferência Europeia Escotista

A Federação dos Escoteiros Suíços está dedicando a melhor atenção à organização desta Conferência, que se realiza em Zollikofen, perto de Berna, de 27 a 29 de Setembro p. f.

A participação nesta conferência custa 90 francos suíços, dando direito a três merendas e à refeição na tarde de sábado em Kandersteg.

O aboletamento poderá ser feito em hotéis, cujos quartos têm preços que vão de 19 a 34 francos suíços. As inscrições devem ser feitas até 31 do mês corrente.

Prevê-se a organização de um programa dedicado às senhoras que acompanhem os delegados.

CANADA

O sr. J. Percy Ross foi designado chefe Executivo do Escotismo Canadiano, em substituição do sr. Fred. J. Finlay, que se retirou em 31 de Março, depois de ter levado a efeito um excelente trabalho e ter revelado um alto espírito de cooperação enquanto desempenhou o seu cargo.

URUGUAI

A associação uruguaia escolheu o sr. Henrik Steverlynck para Escoteiro-Chefe Geral, onde substitui o sr. Rafael Morelli.

IRLANDA

A Conferência Escotista Nacional dos Escoteiros Católicos da Irlanda lançou uma campanha denominada «SERVICE 68». A apresentação do tema que vai ser desenvolvido durante esta actividade firma-se na palavra SERVICE, da seguinte forma:

S — *Scouting* (escotismo) está baseado na Promessa, na qual se dá uma ênfase especial aos deveres para com o próximo.

E — Entusiasmo da parte do escoteiro-chefe desencandeará o entusiasmo dos seus rapazes para a realização de bom trabalho.

R — Reuniões necessita realizar a comunidade para conhecer e desenvolver o espírito de serviço.

V — Voluntariado é um princípio básico do Escotismo; por isso mesmo devemos dar-lhe o nosso melhor.

I — Integração das nossas comunidades é essencial.

C — Comunidade esforçada é o nosso apoio; temos o dever de lhe demonstrarmos gratidão.

E — Estímulo dado pelos chefes pode significar a diferença entre o êxito e a falência.

SECRETARIA MUNDIAL

Em 8 do próximo mês de Setembro, realiza-se, sobre o patrocínio da UNESCO, o Dia Internacional da Alfabetização, que tem por fim a mobilização da opinião pública para uma campanha tendente a promover a alfabetização e o desenvolvimento da educação primária em numerosas partes do mundo.

A Secretaria Internacional do Escotismo resolveu cooperar com esta iniciativa da UNESCO, dadas as particulares condições que o Escotismo oferece para desenvolver uma acção eficaz nesta campanha.

Em circular, a Secretaria Mundial pede a todas as Associações que colaborem com as comissões oficiais nos trabalhos que, por motivo deste dia, vão ser levados a efeito. Para tanto, fornece diversas sugestões que podem ser postas em prática.

OS CORAIS

por **Maria Carlota d'Almeida Santos**

Os recifes de corais que abundam nos mares quentes são formados por colónias de animais, os pólipos. O animal da grossura de uma cabeça de alfinete é ossificado por um esqueleto calcário, branco, cilíndrico, em forma de cúpula, pequeno tubo com seis divisões que deixam livre um canal central.

Este centro corresponde à boca. As seis divisões têm os órgãos, simplificados em extremo: uma geleia com água a 90 %. Do tubo partem seis tentáculos: igualmente da geleia onde circula um embrião de sistema nervoso, um único fio circular com seis gânglios correspondendo cada gânglio a um tentáculo. Estes tentáculos permitem-lhe ingerir constantemente presas: o plâncton.

O calor da água do mar é a primeira condição de vida do pólipo; quanto mais quente é a água, mais exuberantes são as construções da sua proliferação. A luz é a segunda condição de vida. Os pólipos só podem crescer na transparência e pela luz que a penetra a uma profundidade máxima de quarenta e cinco metros.

Uma coluna de algas microscópicas, as zooxantelas, voam livremente no interior do pólipo, mas o mais perto possível da derme, de modo a absorver o máximo de luz; vivendo por fotossíntese como um simples vegetal, ela absorve o gás carbónico fabricado pelo pólipo e fornece a este o oxigénio que ele precisa e cuja abundância é a terceira condição da sua vida.

A proliferação é teòricamente ilimitada. A reprodução é dupla, sexuada e assexuada e multiplicar-se-ia se as condições fossem favoráveis.

Os animais, macho e fêmea, ejectam os seus espermatozóides e os seus óvulos. A fecundação faz-se na água.

Depressa se forma um ovo, dando vida a uma pequena larva, que é ainda apenas plâncton.

Sofre metamorfoses, torna-se pesado e cai; se cai no abismo da profundidade para lá dos quarenta e cinco metros morre, se ao contrário, lhe escapa, é salva com a condição de cair num corpo sólido onde se possa fixar; excluem-se os polipeiros em colónias vivas que lhe recusam apoio. As possibilidades de sobrevivência são, vertiginosamente, restritas. Mas se poisa num polipeiro morto aí se fixa e vive.

Passa-se então a segunda fase da reprodução, assexuada. Na base do novo pólipo e logo que ele está completamente formado, surge e cresce um rebento lateral que cedo se torna um novo pólipo, macho ou fêmea, recomeçando o duplo ciclo da sua própria multiplicação.

As formas do que se chama vulgarmente coral são determinadas pela raça dos pólipos, cuja proliferação é orientada na origem da sua formação. Estes pólipos têm uma vocação hereditária de desenvolvimento, mas este está muito intimamente dependente do ambiente marinho e a sua extensão varia perpètuamente entre a busca das suas três necessidades vitais: Luz, Paz, Oxigénio.

(Do «*Jornal do Pescador*»)
Junho de 1968.

O PROFESSOR RAUL DÓRIA E A SUA ESCOLA

De Lagos, escreve-nos o nosso estimado colaborador Sr. Joaquim Piscarreta a apoiar os pontos de vista expendidos na local que, sob este título, publicámos no último número.

Agradecemos.

Espírito de equipa

No nosso número de Abril último, os períodos finais do editorial da autoria do nosso distinto colaborador Sr. Rev. Eduardo Moreira, em que aborda o problema do desenvolvimento do espírito de equipa através das actividades escotistas, deu azo a uma carta, dirigida ao nosso estimado colaborador, pela nossa assinante Sr.ª Dr.ª Stephanie Lion, em que, entre outras afirmações, refere:

«Apreciei as suas palavras acerca do espírito de equipa. Há uns dias que li sobre um jovem médico alemão, especializado em pediatria que, depois de ter trabalhado durante anos nos E. U. A., voltou à sua terra; mas depois de sete meses teve que desistir do seu trabalho ali, por insuficiências das condições, especialmente por falta completa do *team work*, também motivando a grande mortalidade dos recém-nascidos na Alemanha Federal, a qual é de 23 °/₀₀ no 1.º ano de vida, enquanto que no Japão é de 18 °/₀₀, na Dinamarca de 17 °/₀₀ e na Suécia de 12 °/₀₀. Ignoro o número correspondente de Portugal...»

A esta nossa estimada assinante, temos de dizer que o índice em Portugal respeitante à mortalidade no primeiro ano de vida é, sem dúvida, mais elevado que em qualquer dos países que mencionou. No entanto, honra nos seja, ele tem vindo a diminuir bastante nos últimos anos. Assim, em 1940 a taxa de mortalidade era de 126.1 °/₀₀. Dez anos depois, esse índice era de 94,1 °/₀₀, para em 1960 descer para 77,5 °/₀₀. A última taxa apurada, a de 1965, apresenta-nos o valor de 64,9 °/₀₀, o que é francamente animador quanto aos resultados que, neste aspecto, se vão certamente alcançar nos anos futuros, à medida que se combatam a omissão de cuidados aos recém-nascidos, a má preparação das mães e das famílias, falta de protecção às grávidas e deficiências da assistência no parto.

É curioso notar que, em confronto com os países europeus, Portugal ocupa boa posição no que respeita à mortalidade geral.

O Orfeão Universitário Masculino de Wheaton (E. U. A.)

Nas noites de 13 e 14 de Junho último, deu dois concertos de Música Sacra no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa, este conceituado Orfeão.

Nas suas actuações, este agrupamento coral correspondeu inteiramente às referências que o credenciavam. Trata-se da sua terceira digressão pela Europa e, tal como nas anteriores, a de agora dá todas as garantias de alcançar os êxitos extraordinários que coroaram as duas primeiras.

O nível artístico das suas interpretações é tão invulgar que impressiona até mesmo os menos versados em assuntos musicais. Nos vinte números executados sobressaiu a inexcedível perfeição, disciplina, suavidade e domínio completo da execução. Até mesmo na interpretação de «A Portuguesa» foi notável a perfeição com que se houveram. Sem sombra de dúvida, foi um privilégio para os lisboetas poderem escutar um Orfeão de uma categoria, como poucos outros terão podido alcançar.



Alberto Lima Basto

Em 6 do mês corrente, faleceu imprevistamente o nosso estimado assinante Sr. Alberto Lima Basto.

O finado foi um dos mais entusiastas e competentes dirigentes escotistas de há cinquenta anos. Começou por ser escoteiro do célebre Grupo n.º 11, que teve a sua sede no Liceu de Camões, o qual contou nas suas fileiras uma plêiade de ilustres escoteiros que, mais tarde, viriam ocupar brilhantes posições na vida pública. Entre outros, lembrámos os nomes de Dinis Curson, Castro Caldas (2 irmãos), Lima Basto (3 irmãos), Barros (2 irmãos), Marcelo Caetano, Salazar Leite, Luazes Meyer, Mário Jacquet, e outros, os quais viriam a ocupar destacados cargos dentro da A. E. P., contribuindo, assim, com o prestígio dos seus nomes, para o prestígio da própria associação e para o seu desenvolvimento.

O Sr. Alberto Lima Basto foi o mais íntimo colaborador do saudoso Comissário Nacional Dr. Tovar de Lemos. Sob a presidência deste grande dirigente, constituiu com Dinis Curson e Duarte Barrego a melhor Comissão Técnica que a A. E. P. até agora teve.

Aos vastos conhecimentos das línguas inglesa e francesa que o sr. Lima Basto possuía, ficou-se a dever a tradução e a adaptação de manuais e regulamentos de associações congéneres.

Quando, em 1920, se realizou, em Londres, o I Jambori Mundial, foi Alberto Lima Basto quem chefiou o contingente português. Durante esta célebre reunião escotista, teve oportunidade de contactar com Lorde Baden-Powell e com numerosos chefes de outros contingentes. Tomou parte nos trabalhos preparatórios da Conferência Internacional e noutros, de que viria a resultar a criação da Secretaria Internacional do Escotismo.

Foi também Comissário da Divisão Lobito.

Em 1922, a equipa famosa que constituía a Comissão Técnica a que acima nos referimos, organizou e dirigiu o I Campo-Escola Central de Chefes, realizado no parque da Escola Normal de Benfica, de que era director um outro grande admirador do Escotismo, o Sr. Dr. Luís Passos. Neste campo-escola, foi Alberto Lima Basto um dos professores.

Entre outras condecorações, o ilustre finado possuía a medalha de «Mérito» da *Boy Scouts Association*, que lhe foi conferida por Baden-Powell; e da nossa Associação, as medalhas de «Mérito», «Dedicação e Bons Serviços» e «Abnegação», esta última como reconhecimento dos inestimáveis serviços que prestou por ocasião da epidemia da pneumónica, em 1918.

Na vida pública, também o Sr. Alberto Lima Basto alcançou importantes cargos, mercê das suas notáveis qualidades de trabalho e dos elevados conhecimentos que possuía. Era presidente da direcção do Rádio Clube Português, que, com o major Jorge Botelho Moniz, fundara há algumas dezenas de anos. Era também administrador da Radiotelevisão Portuguesa.

Pode-se dizer, sem qualquer dúvida, que, com a morte do Sr. Alberto Lima Basto, se perdeu uma das mais prestigiosas figuras do Escotismo Português.

O extinto era irmão do Sr. Professor Edmundo Lima Basto, director do Instituto Português de Oncologia e também antigo escoteiro, e primo do nosso querido colaborador Sr. Rev. Eduardo Moreira.

A toda a família em crepes e a Rádio Clube Português e à Radiotelevisão Portuguesa, «Sempre Pronto» apresenta condolências muito sentidas.

Centro Baptista de Publicações, L.da

No dia 24 de Junho p. p., este Centro de Publicações inaugurou, na Rua Conde de Redondo, 31-A, em Lisboa, a Livraria Baptista, com uma cerimónia para que foram convidados o presidente do Grémio Nacional dos Editores e Livreiros, presidentes da Aliança Evangélica e da Convenção Baptista Portuguesa e representantes de igrejas evangélicas e da imprensa.

Foram recebidos pela gerência, composta pelos srs. G. C. Tennison, José Pego Guedes e pelo nosso estimado assinante patrocinador sr. Paulo Maurício.

A Livraria Baptista está òptimamente montada, com modernas e arejadas instalações e apresenta, para venda, além da literatura de carácter religioso, obras de elevado nível técnico e literário, criteriosamente escolhidas. Oportunamente será criada uma secção de livros didácticos.

Os visitantes foram acolhidos pelo sr. Paulo Maurício, que lhes apresentou as boas vindas e expôs os objectivos que presidiram à criação desta livraria. Esta não tem qualquer finalidade comercial, pois os resultados que forem apurados serão aplicados na edição de obras em língua portuguesa a efectuar pelo Centro Baptista de Publicações.

Após uma visita às instalações, os visitantes foram obsequiados com um beberete, que foi motivo para ampla troca de impressões e de confraternização entre todos.

Desejamos os maiores êxitos a este simpático empreendimento.

Grupo N.º 40 — Santo António de Lisboa

Passa no mês corrente, o 40.º aniversário deste agrupamento do C. N. E., motivo por que está preparando um completo programa para comemorar o festivo acontecimento.

Aproveitamos o ensejo para apresentar felicitações a todos os membros do seu efectivo.

De Vila Nova de Gaia

ACTIVIDADE DO GRUPO N.º 44

O Grupo n.º 44, de Gaia, visitou o I Acampamento de Patrulhas, promovido pelo Grupo n.º 19, do C. N. E., realizado na Quinta do Paço, em Avintes.

Os nossos camaradas do «19» tiveram em devido apreço a confraternização dos escoteiros das duas associações.

DOS AMIGOS DE «SEMPRE PRONTO»

António Augusto da Silva e Cunha — Tivemos, mais uma vez, a alegria de receber notícias deste nosso prezado amigo, antigo e dedicado escoteiro do grupo 93, de Sintra, que se encontra há alguns anos em Benguela. Desejamos-lhe os maiores êxitos nas suas actividades.



Na festa do aniversário do Grupo n.º 7, de Lisboa: os escoteiros deste grupo fazem um simulacro de um ataque a um incêndio, para o que tinham recebido adequada preparação dada pelo pessoal técnico da Corporação dos Voluntários Lisbonenses, de que são um departamento.

(Foto WOLF KARL)



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

Qual é a posição do Escotismo?

O Escotismo apela para a liberdade do indivíduo. Apela para o rapaz individualmente para que se expresse em palavras, pensamento e acções. Ele deseja educar os seus membros, que são todos inteiramente voluntários na sua fidelidade ao Escotismo, com toda a independência. Mas como Baden-Powell escreveu no *Rovering to Success*, «a liberdade do indivíduo é só um direito até onde não interfira com o bem da sociedade no conjunto». O Escoteiro aprende a depender de si próprio, portanto não é um fardo para os outros. É educado para servir Deus, a sua Pátria e os seus companheiros de sua própria e livre vontade e acordo.

Enquanto eu tiver o privilégio de servir o Escotismo no seu campo internacional, continuarei até onde me for possível a sustentar este princípio de liberdade do indivíduo e apelo para vós, que sois meus colegas e cooperadores, para que façais o mesmo.

Não pode haver questão de compromisso em tão vital princípio como este. Assim, a Quarta Lei Escotista diz: «O Escoteiro é um Amigo para todos e um Irmão para cada Escoteiro não importa a que País, Classe ou Credo o outro pertença».

O Escotismo, desde que foi fundado há 40 anos, tem continuamente proclamado estas virtudes positivas e tem feito o possível para as pôr em prática. Tem havido diferenças de opinião de tempos a tempos — em Patrulhas, em Grupos, em Países, em Conferências Mundiais e Jamboris. Estas diferenças têm sempre sido arrumadas ràpidamente e num espírito de amizade, desde que todos têm feito o seu melhor para compreender os pontos de vista alheios tão bem como os seus próprios. Por consequência, estas diferenças têm servido simplesmente para evidenciar a maneira pela qual o espírito escotista pode remover dificuldades e equívocos provocados por influências exteriores e desde sempre prejudiciais entre os adultos.

J. S. Wilson

RETÁBULO ESCOTISTA

Uma noite de maravilha

Só quem foi espectador de semelhante espectáculo pode apreciar, devidamente, o alcance das nossas palavras.

Na última noite do S. João, os Escutas de S. Cosme de Gondomar foram fazer acampamento ao Monte de Virgem. Lá chegaram no domingo onde na capelinha assistiram à Santa Missa. Depois foi a montagem do campo e preparação das refeições. De tarde, houve confraternização com Escutas de Vilar de Andorinho e Guias de Portugal de Espinho. Tiveram também lugar diversos jogos, etc.

A noite chegou, depois duma frugal refeição e, junto ao Monumento à Virgem, na esplanada do Monte, realizou-se «Fogo de Conselho» dum modo muito especial, onde nem faltou a recitação do Terço do Rosário. Recolhidos os Escutas às tendas para um breve repouso, daí a pouco batia a meia-noite. O acampamento, guardado «até aos dentes» pelos vigias, bem disso necessitou toda a noite até à alvorada!... O Chefe avisou: «*Quem quiser vir à esplanada que venha*». Logo todos o seguiram. Ali os esperava um espectáculo sublime: Noite cerrada, com o céu recamado de estrelas que sorriam cá para baixo, sentados nos degraus do Monumento à Virgem os Escutas, de boca aberta(!) admiravam o sublime espectáculo da Cidade iluminada. O fogo de artifício lançado na Serra do Pilar contrastava com as estrelas que lá do alto nos observavam, dando um conjunto verdadeiramente maravilhoso. Os rapazes, vara na mão, nem abriam bico, tal a atenção com que estavam perante semelhante maravilha. Só quem viu o pode calcular, à distância do tempo e do lugar.

Recolhidos de novo às tendas, os rapazes dormiram a sono solto.

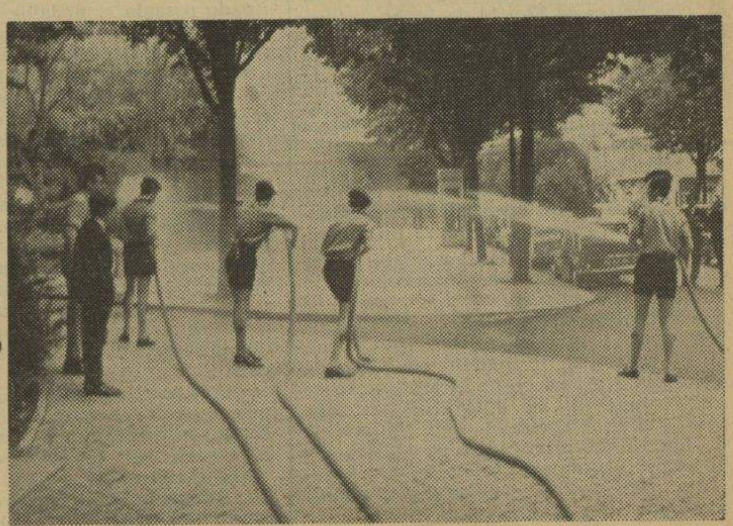
Às 5 horas da manhã, alvorada. Depois, teve lugar o banho e arrumação do campo para o regresso. Às 6 horas davam início ao regresso a casa. Porém, outra maravilha os esperava! Ao chegarem ao cimo do Monte, observaram, maravilhados, cá em baixo, a cidade mergulhada em altaneiras ondas de nevoeiro branco-azulado semelhantes ao autêntico mar. Ao longe distinguiam-se as serras!... Do nascente desciam os primeiros raios do Sol, que afugentavam o nevoeiro, cá em baixo, sobre o Rio Douro e a cidade, que fugia assustadiço para o mar. Só quem viu semelhante espectáculo, este pode calcular.

Os Escutas ficaram maravilhados com semelhante quadro que a Natureza lhes oferecia, e diziam:

«Vale a pena vir de tão longe e subir o Monte só para ver isto».

MELRO NEGRO

(Da secção «Escutismo» do «Diário do Norte»)



Outra fase do simulacro de um ataque a um incêndio, dos escoteiros do Grupo n.º 7.

(Foto WOLF KARL)

Uma nova Helena Kelly

No último número, a propósito da sua morte, tivemos oportunidade de tecer considerações sobre as extraordinárias faculdades de Helena Keller, a cega-surda-muda que assombrou o mundo que com ela teve o privilégio de contactar.

Como prova de que as possibilidades de lutar contra condições adversas não são apanágio de indivíduos excepcionais, transcrevemos do jornal «O Educador», de 10 de Janeiro último, um excerto de um artigo da autoria do director do Instituto Italiano, sr. Guido Burgada, sob o título «Itinerário Artístico de Portugal»:

«O meu itinerário é limitado ao centro de Portugal. Assinalo lugares e monumentos onde, no decurso de dez anos e centenas de vezes, fui com italianos cultos, artistas, críticos de arte, arquitectos, escritores. Observei as suas reacções e aprendi frequentemente com eles a apreciar e a distinguir o que lhes indicava.

«Até a uma inteligentíssima jovem italiana, cega e surda, mostrei este país: Giuseppina Manenti. Acompanhar quem não podia ver com os seus olhos nem ouvir aquilo que lhe poderia ter dito, foi uma das experiências mais originais. E, todavia, escreveu-me a dizer que havia conservado uma recordação viva e agradável da sua viagem a Portugal.

«Levei-a até um daqueles encantadores laranjais, densos como bosques, que se encontram em grande número nos arredores de Lisboa. A jovem estendia as mãos sensibilíssimas para acariciar e apertar os ramos das maravilhosas plantas, cheias de redondos frutos perfumados, cuja casca, em alguns perfeitamente lisa, noutros muito áspera, de uma grande variedade de sensações tácteis.

«No Parque de Montes Claros, outra surpresa: as copas e os altos, delgados caules dos papiros, mas, sobretudo, o ar que vem do Oceano e que, investindo, com a pessoa, dá uma sensação de profundidade e de espaço infinito.»

E o autor continua a narração da experiência pouco comum da sua viagem com uma jovem tão diminuída nas suas faculdades físicas. Fica-nos a pairar no cérebro certas ideias sobre o muito que se poderia fazer a favor daqueles a quem certas portas se fecham sem que se lhes procure indicar aquelas que, em seu lugar, se abriram...



Os assassínios de homens como Robert Kennedy

não serão produto da ganância desmedida dos fabricantes de armas mortíferas?

De dia para dia, mais se acentua a perda de valores sociais que poderiam contribuir para encetarmos o caminho da paz que Cristo pregou.

Ainda se não extinguiu a mancha do assassínio do glorioso presidente John F. Kennedy, de cuja acção poderia resultar grande bem para a Humanidade, e já se regista o de seu irmão Robert Kennedy, que também prometia no sentido de alcançarmos progresso digno de tal nome.

No entanto, os fabricantes de armas mortíferas aumentam seus cabedais, contribuindo, estamos convencidos, para que sejam eliminados, a pouco e pouco, os que, pelos seus nobres ideais, defendem a paz, sem a qual, quer queiramos, quer não, viveremos afastados do verdadeiro progresso.

Os que presidem aos destinos das nações já, como nós, viram decerto que pela luta das armas não alcançaremos mais que destruição, luto e dor, mas impotentes para dominar os inimigos da Humanidade que se dedicam ao fabrico de explosivos e armas mortíferos, continuam alimentando as lutas sangrentas que ameaçam destruir tudo e todos.

A substituição dos engenhos de guerra por outros que nos assegurem a paz, impõe-se a todo o momento para evitar a perda de valores como os irmãos Kennedy. Unamo-nos, pois, no nobre ideal da paz e amor, repudiando todos os que, como os assassinos dos irmãos Kennedy, vivam apenas para aumentar os males da Humanidade. Olhemos mais alto.

Joaquim de Sousa Piscarreta

Associação dos Cegos do Norte de Portugal

Esta Associação distribuiu o relatório referente ao exercício de 1967.

Através desse documento, toma-se conhecimento de que continua a verificar-se um desenvolvimento na sua benemérita acção, apesar das limitações que a carência de meios materiais impõe.

A Associação proporcionou aos seus protegidos, durante o ano transacto, 80 consultas médicas de várias especialidades, incluindo cirurgia, vacinas, análises, etc... Aviou grande quantidade de receitas diversas e de óculos, promoveu o internamento de cegos em Centros de Reabilitação, distribuiu bengalas brancas, emprestou livros e promoveu aulas gratuitas para cegos.

Num outro campo da sua acção, promoveu palestras e colaborou com várias entidades públicas e particulares em actividades relacionadas com os seus objectivos.

Esta Associação necessita do carinho de todos, para que cresça e desenvolva mais a sua beneficente actividade.

Do Entroncamento

Grupo n.º 84

O 39.º aniversário do Grupo

Nos dias 29 e 30 de Junho p. p., o Grupo 84 comemorou o 39.º aniversário com diversas cerimónias.

Na sede do grupo esteve patente uma exposição.

Porém, o número de maior realce das comemorações foi o acampamento realizado no Parque de Campismo da Quinta da Cardiga, onde estiveram representados os Grupos 2 e 94, de Lisboa, 4, do Porto e 93, de Sintra, todos da A. E. P., e os agrupamentos de Santarém, Carrazedas, Tancos, Torres Novas e Tomar, do C. N. E. Também estiveram presentes os srs. Eng.º Nobre Santos e Lusano Leite, respectivamente Escoteiro-Chefe Geral Adjunto e Escoteiro-Chefe do Núcleo B de Lisboa.

No sábado, à noite, realizou-se um fogo de conselho, onde houve uma assistência computada em mais de 200 pessoas, e que foi dirigido pelos escoteiros-chefes Armando Garcia Inácio, Aníbal Horta, Miguel Bicho e Mário Lusano Leite.

De manhã, foram içadas as bandeiras Nacional e do grupo em festa. A oração da manhã foi dirigida por Mário Leite. Esta cerimónia terminou com a entoação do Hino Nacional, do «Eh lá!» e os nossos camaradas do C. N. E. cantaram o hino «Radiosa Floração».

A seguir, houve um desfile, que passou pela sede do 84 e pela igreja paroquial do Entroncamento, onde os escoteiros assistiram à missa, após o que regressaram ao campo.

Depois do almoço, efectuou-se a festa de campo, com a presença, além da do Escoteiro-Chefe Geral Adjunto, do presidente da Direcção do 84, sr. José Duarte Coelho, que dirigiram palavras de felicitação ao grupo aniversariante. Falou também o chefe do 84, o sr. Aníbal Horta, e o chefe do agrupamento de Santarém do C. N. E.

O escoteiro-chefe Armando Inácio tomou a promessa de um lobito e, em conjunto com uma senhora que se propõe chefiar a alcateia, tomou também a promessa de três avezinhas. Perante o escoteiro-chefe Mário Leite, fizeram o compromisso de honra os novos escoteiros e caminheiros do 84.

A festa do campo foi encerrada no meio do maior agrado de todos os presentes, não sem que, antes, se tivesse procedido à entrega de distintivos de classe, estrelas de serviço, prémios de assiduidade e de concursos.

A Banda do Grupo n.º 84

Chegou ao nosso conhecimento que a Banda do 84, que tão justa fama alcançou em épocas transactas, está atravessando grave crise, pelo que, já há muito tempo, com grande desgosto dos seus admiradores, não se apresenta em público.

Segundo parece, a causa deste esmorecimento reside na falta de fundos necessários para manter o instrumental.

Fazemos votos de que os rapazes do 84, com a galhardia que sempre os tem caracterizado, bem como aos seus dirigentes, encontrem os meios para obviar a este tão aborrecido estado de coisas.

EM SINTRA

As comemorações do 34.º aniversário do Grupo n.º 93

Conforme anunciámos, realizou-se no domingo, dia 23 de Junho passado, na Sociedade União Sintrense, uma festa para comemorar o aniversário do Grupo 93 dos Escoteiros de Portugal. Estava presente uma delegação da Fraternal dos Antigos Escoteiros, com o seu presidente Sr. Humberto Martins. O Sr. Presidente da Câmara Municipal fez-se representar pelo vereador Sr. José Eduardo Jorge, sendo o «Jornal de Sintra» representado pelo Sr. José Alfredo de Azevedo.

Estavam ainda presentes os srs. José Penaforte, da União Sintrense; um representante da Liga dos Combatentes (Delegação de Sintra), Tenente Manoel de Mattos, presidente do grupo aniversariante, o Director do «Sempre Pronto», deputações do Grupo 39 e do Agrupamento 43 do Corpo Nacional de Escutas, bem como os Grupos n.os 7, 8, 9, 10, 12, 20, 23 e 94 dos Escoteiros de Portugal, acompanhados pelos seus chefes.

Enviaram telegramas de saudação os Grupos n.os 39, de Benguela, e 84, do Entroncamento e foram lidas diversas mensagens. Entre os antigos escoteiros presentes, recorda-nos ter visto os antigos dirigentes e antigos escoteiros do 93 srs. David de Baudouin, Pedro Pinheiro, José António Nuno do Nascimento, Ferrer Monteiro, etc. Entre os membros da Fraternal viam-se os srs. Ernesto de Sousa, Ernesto do Nascimento, Sá Viana, Xavier de Brito, W. Karl, António Pinto, João Clímaco do Nascimento e Gustavo Pereira da Costa.

A festa foi essencialmente de escoteiros. Entoaram-se canções, dois lobitos do Grupo 20, de Marvila, destacaram-se num engraçado diálogo. Interessante sobretudo a confraternização entre o numeroso grupo de Escutas e os Escoteiros de Portugal, que deu à festa bastante animação. O Presidente da Fraternal leu uma mensagem de saudação e foi também lida uma sentida mensagem do Sr. Dr. Eugénio Henrique Ramos, que por se encontrar ausente de Lisboa, não pôde, como desejava, proferir a anunciada conferência.

Completou o programa duas brilhantes exibições de ilusionismo pelo antigo escuta do C. N. E. sr. Miguel Cardoso, e pelo antigo escoteiro sr. Eduardo Rolão. As duas representações foram interessantes, destacando-se a deste último companheiro, que tendo adquirido uma técnica de alto nível artístico conseguiu uma exibição muito apreciada que, acompanhada de autêntico humor escoteiro, conseguiu divertir e interessar a rapaziada. Estamos certos de que Eduardo Rolão, ao apresentar os seus curiosos números aos escoteiros, se estaria recordando das primeiras exibições de ilusionismo feitas há quase 30 anos na sede do Grupo 94, que lhe valeram a insígnia de aptidão de cómico.

O Chefe Mário Leite projectou ainda algumas interessantes fotografias de actividades realizadas no Campo da Caparica.

ANTIGOS ESCOTEIROS

O Acampamento Anual dos Antigos Escoteiros

A semelhança do que tem acontecido nos anos anteriores, a Secção de Campismo da Fraternal promoveu o seu acampamento anual, que se realizou no Parque de Escotismo da Caparica.

A este acontecimento nos referiremos mais detidamente no próximo número.



A Fraternal na cidade do Porto: Os antigos escoteiros cantam na festa de campo

(Foto WOLF KARL)

XI poemeto filatélico

(Diante do selo comemorativo do 4.º centenário do missionário Bento de Goes)

Vão camelos de longada
A outro chão, outros sóis.
Num altar, a cruz alçada,
Na China famigerada,
É o termo da jornada
Do Padre Bento de Góis.

Eduardo Moreira

POLUIÇÃO

Continuação da pág. 1

em número apreciável, no que diz respeito à poluição moral parece que as coisas se passam de diferente maneira.

Nos laboratórios cientistas e técnicos dedicam largos períodos de tempo à investigação de processos que anulem ou atenuem os danosos efeitos da inquinação dos meios ambientes. No entanto, com a poluição moral, justo é confessá-lo, poucos empreendimentos vemos que possam ser classificados como meios eficazes para restabelecer as virtudes cívicas e morais no lugar que verdadeiramente lhes compete.

Se, de um lado, não se aguarda que os seres acabem por ter adaptadas as suas condições de vida a ambientes tóxicos, e se gastam, por isso, vultosos capitais em ensaios e pesquisas, no outro lado olha-se complacentemente para os problemas que se multiplicam, na esperança de que, alfim, a crise há-de ter resolução com o regresso dos prevaricadores ao caminho do bom senso.

Tal estado de coisas não abona muito as instituições que assumem a responsabilidade de promover a educação. Ou será este problema apenas mais uma prova de que, nos tempos modernos, o que é estritamente material sobreleva e atira para segundo plano todas as iniciativas que se relacionem com a actividade espiritual? Eis uma interrogação para a qual difícil é encontrar uma resposta que não seja dolorosa.

VISADO PELA CENSURA

O ESCOTISMO NO MUNDO

Continuação da pág. 8

altogether we feel the time has come to modernise our appearance.»

Calções curtos só para os «Cub Scouts», isto é, rapazes com menos de 11 anos; para todos os outros, calças e camisa de corte mais simples, não recordando já a inspiração que os primeiros uniformes escotistas receberam das campanhas coloniais. Continua autorizado o saiote, para escoceses e irlandeses do Norte.

O novo uniforme considera-se de uso comum; fora disso, o vestuário a usar deve ser o apropriado à actividade que está sendo praticada. *Uniforme* é uma coisa; *vestuário*, exigido pela prática de uma actividade, é outra.

Também, sob este aspecto, é bem evidente a preocupação de evitar tudo quanto possa ser tomado como um regresso à meninice ou um meio de a prolongar.

*

A Comissão concluiu o seu trabalho com a seguinte afirmação:

«Aqueles que lideram o Movimento deverão procurar constantemente novas oportunidades e novos métodos num mundo em modificação constante. É sòmente assim que o Escotismo poderá continuar a enfrentar as necessidades de cada sucessiva geração, merecendo o êxito e o reconhecimento público, como participante activo nas campanhas a favor da Juventude da Nação.»

Nota da Redacção — O presente artigo foi elaborado com elementos extraídos do artigo de JOHN GOSS, publicado na revista inglesa «Toc H Journal» e traduzido por GUY BURROWES, da União dos Escoteiros do Brasil, e de «The Advance Party Reporte — 1966» — Edição Pópular.

Damos também a tradução livre do texto inglês:

RECOMENDAÇAO 1

A palavra «rapaz» mostra uma imagem juvenil que não representa o verdadeiro objectivo da nossa associação. O presente título está sob a protecção de «The Chartered Associations (Protecção de Nomes e Uniformes) Act» 1926; mas, embora não seja possível defender o novo título sugerido, sentimos que o progresso do Movimento tem muito maior importância que a conservação da protecção presente, a qual é, em todo o caso, largamente académica. Do mesmo modo que o termo «Boy Scouts» está sob a protecção de «The Chartered Associations (Protecção de Nomes e Uniformes) Act» 1926, cremos que se poderiam fazer esforços para obter a inscrição dos «Cub Scouts» e «Venture Scouts», como nomes protegidos pela «Act», embora não possa ser possível assegurar a inscrição de «Scouts» por si só.

RECOMENDAÇAO 253

Argumento: O uso de calções por membros do Movimento é um dos aspectos que mais prejudicam a imagem que oferecemos ao público. Chama-se escotismo a uma organização juvenil, com adultos que tendem para um nível de rapaz, por causa da sua maneira de vestir.

A Crítica está também a dirigir-se para o aspecto do nosso uniforme, inspirado na «guerra dos Boeres», e o uso de calções é um dos aspectos mais criticados. Os calções são considerados inadequados para o nosso clima e todos sentimos que é tempo de modernizar o nosso aspecto.

Um escritor e um antigo político brasileiros *falam do escotismo*

A propósito da notícia que publicámos acerca da morte do Dr. Afonso Pena Júnior, que foi ministro da Justiça do Brasil e autor de um livro sobre Escotismo, reproduzimos algumas passagens do que disseram duas grandes figuras brasileiras sobre o nosso movimento: o escritor Coelho Neto e o Dr. João Luís Alves, que também foi ministro da Justiça da Nação Irmã.

Diz Coelho Neto:

«... O Escotismo é uma instituição de energia, tendo por base a força, mas a força inteligente que se chama Dever, governada pela disciplina.

«O escoteiro, assim como se robustece nos exercícios ao ar livre, apura os sentidos, desenvolve as faculdades e aprimora os sentimentos, torna-se sociável, fraternizando com os companheiros no convívio que os liga intimamente pela cadeia da solidariedade.

«... Acompanhado sempre da bandeira, cresce junto dela, cantando, como oração heróica, o hino nacional e, fiel ao juramento que lhe prestou, não ousa cometer falta pela qual possa ser arguido, diante do pendão venerável, que é tudo para ele, porque é o símbolo da Pátria.

«De tal escola saem os infantes que serão os homens de amanhã; seres de têmpera viril, tão úteis na paz pelo que aprenderam brincando, como serão bravos na guerra pela resistência que adquiriram no corpo, com exercícios, na alma com a perseverança na disciplina, que é cadência da ordem.

«Assim, essa instituição heróica e generosa é a escola primária do civismo, na qual devem matricular todos os meninos brasileiros que, amando o seu País, queiram aprender a bem servi-lo e a honrá-lo.»

Por sua vez, diz o Dr. João Luís Alves, por ocasião de uma solenidade para entrega de uma medalha de distinção que o Governo conferiu a um jovem escoteiro que prestara relevantes serviços na extinção de um incêndio:

«O Governo da República resolveu conferir-te uma medalha pela parte que tomaste na extinção de formidável incêndio que ameaçou destruir importante quarteirão da parte central de nossa cidade.

«Assim procedendo, o Governo não teve o intuito exclusivo de reconhecer a tua benemerência pelo auxílio que prestaste, espontâneamente, ao nosso Corpo de Bombeiros, sempre dedicado no cumprimento dos seus árduos deveres.

«Não! O Governo pretende também, com esse acto, proclamar o seu aplauso à fecunda instituição dos escoteiros, escola moral e cívica dos futuros cidadãos da nossa pátria.

«Em uma hora de delinquescência moral, de dissolução dos costumes, de anarquia dos espíritos, de apetites desenfreados, de desordens sem peias, devemos apelar para as forças vivas do futuro, confiando-lhe a grandeza da Pátria e a realização dos seus altos desígnios.

«É à juventude, ainda não contaminada, é à Mocidade, ainda ardente de fé, é aos cidadãos de boa vontade, que as inspiram, as educam e as dirigem, que o Governo endereça neste momento a sua saudação — reconhecendo no acto isolado de um humilde escoteiro a existência desse *substractum* moral de virtudes humanas e de virtudes patrióticas que nos hão-de salvar e nos hão-de construir uma terra feliz, pela felicidade dos seus habitantes.

«O sentimento do dever, o propósito de cumpri-lo, o seu cumprimento através de todos os perigos — é a maior virtude do cidadão, principalmente quando lhes pesa o encargo de dirigir os seus concidadãos.

«É esse sentimento do dever, esse propósito de cumpri-lo, esse cumprimento através de todas as dificuldades e embaraços que se lhe antolhem, que nutre o Governo e o leva a felicitar todos os que se dedicam ao desenvolvimento da obra dos escoteiros e a assegurar-lhe apoio.

«Sóbrio, paciente, vigilante, destemido, leal, franco, honesto, bondoso para com todos, tolerante, trabalhador, abnegado — tal é o tipo ideal do escoteiro — para cuja formação benditos serão todos os esforços e abençoados todos os obreiros.

«Eis o que, com esta medalha, quis dizer o Governo, premiando no acto individual a grande obra colectiva.»

Bem hajam os que sabem falar ao coração

Nos tempos decorrentes, em que os materialistas abundam e se convencem de que o dinheiro e as posições sociais são tudo no vale de lágrimas a que chamamos Mundo, é consolador verificar que ainda há quem, como o Rev. Eduardo Moreira, nos fale de Fraternidade de forma tão elevada que nos sentimos pequeninos perante a grandeza das suas expressões.

Não se trata, felizmente, de criatura alheia aos problemas sociais, nem aos de formação religiosa e moral. Não se recusa a colaborar em «Sempre Pronto» porque sente que no Escotismo podemos encontrar quanto carecemos para nos tornarmos grandes aos olhos de Deus e dos Homens.

No seu brilhante artigo, inserto em «S. P.» de Abril, muito se lê que fala ao coração no sentido da união que se impõe. São desse artigo as seguintes palavras: «Os homens são irmãos. Irmãos na remota origem e na dor presente. Deveriam pois constituir camaradagem leal no acampamento duma batalha pacífica e ser uma companha unida e hábil na pesca de almas para com elas criar uma fraternidade eficaz e perpétua».

Bem haja, pois, Eduardo Moreira, e que as suas palavras se repercutam pelo Mundo fora, para que os homens, convertendo o ódio em amor, venham a encontrar o caminho da verdadeira felicidade.

Sim, leitor amigo, como o Reverendo Eduardo Moreira, eu acuso como causa de todo o mal — o ódio; e como panaceia heróica, verdadeira e honesta — o amor.

Acompanhamo-lo, pois, de alma e coração, porque, fazendo-o, talvez encontremos, para todo o mundo, a salvação.

Joaquim de Sousa Piscarreta

SEMPRE PRONTO

Número 279

Julho de 1968

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

O ESCOTISMO NO MUNDO

A REFORMA DO ESCOTISMO INGLÊS

Por RUI SANTOS

Do «Boletim da Mocidade» transcrevemos com a devida vénia:

Dois anos de trabalho e um relatório com 200 000 palavras, apresentado por uma comissão constituída por representantes das Forças Armadas, das instituições educativas, do comércio, da indústria e da agricultura. Para a execução desta reforma, o prazo de três anos, de modo que tudo se faça gradual e progressivamente.

Em Julho de 1967, começou a reforma do Escotismo Inglês, a executar, escalonadamente, durante os três anos seguintes.

Com a designação de «Chief Scout's Advance Party», a comissão, nomeada em 1963, iniciou os seus trabalhos em Janeiro de 1964 e dava-os por concluídos, dois anos depois, com a apresentação de um Relatório de 200 000 palavras.

A Comissão foi constituída por representantes das Forças Armadas, das Instituições Educativas, do Comércio, da Indústria e da Agricultura. Dela faziam parte, ainda, um médico, um arquitecto, um advogado, um juiz, um engenheiro de televisão, um corretor de bolsa de fundos, um director de vendas, um especialista de seguros, um funcionário de administração pública e um gerente bancário, no total de 24 membros. Todos os componentes da Comissão eram dirigentes escotistas com menos de 45 anos de idade.

Esta Comissão dividiu-se em subcomissões e grupos de trabalho. Escutou opiniões, efectuou visitas, estudou relatórios e simples cartas, consultou estudos sociológicos elaborados por universidades e fez, também, experiências com agrupamentos de jovens, organizados conforme a idade e segundo os métodos escotistas.

Este minucioso estudo custou 10 000 libras e foi, em parte, subsidiado pela Fundação Wolfson.

*

O «Advance Party Report», elaborado por esta Comissão, abrange todos os aspectos de Escotismo e recomenda grandes modificações na sua organização e nos seus métodos. Reconhece que o ambiente actual é muito diferente do que existia em 1907, quando o Escotismo se fundou em Inglaterra. É no reconhecimento dessa evolução que os novos métodos se fundam. As cidades cresceram, as ciências e a tecnologia receberam grande incremento, a literatura mudou, também, e os jovens vivem, portanto, num mundo completamente diferente — concluíram os reformadores do Escotismo britânico. Assim:

A palavra «boy», na expressão «Boy Scout», deixará de ser usada.

A designação «The Boy Scout Association» passa a «The Scout Association», conforme a Comissão aconselhou na *Recomendação I.*

«The word «boy» presents a juvenile image which does not fairly project the true pattern of our membership. (N. B. The present title is protected under «The Chartered Associations (Protection of Names and Uniforms) Act» 1926; but even if it is not possible to protect the suggested new title, we feel that *the general prosperity of the Movement is of far greater importance than the preservation of the present protection which is in any case largely academic.* In the same way that the term «Boy Scouts» is protected under the Chartered Associations (Protection of Names and Uniforms) Act 1926, we believe efforts should be made to obtain the registration of «Cub Scouts» and «Venture Scouts» as protected names under the Act although it may not be bossible to secure the registration of «Scouts» by itself.»

*

A Lei e a Promessa continuam a ser base do Movimento Escotista, mas a redacção da Lei foi actualizada e os seus dez artigos reduzidos a sete. A Promessa não sofreu alteração sensível. Torna-se, porém, extensiva aos rapazes de 8 a 11 anos para vincar claramente que todos são membros de um único Movimento. Para sublinhar esta unidade é estabelecida uma só forma de saudação; suprimindo-se, por isso, a saudação privativa dos antigos «Wolf Cubs»: dois dedos (o indicador e o médio da mão direita) erguidos como as orelhas do lobo.

Por conseguinte, de futuro, todos os membros de «The Scout Association» passam a saudar-se erguendo três dedos da mão direita, com o polegar sobre o mínimo.

Como se sabe, os três dedos erguidos recordam os três artigos da Promessa e o polegar sobre o mínimo significa que os fortes devem ajudar os fracos. O anel que estes dois dedos formam simboliza o sentimento de fraternidade que deve unir todos os homens, como filhos de Deus.

A modificação mais radical é a introdução do escalão «Venture Scouts» para os rapazes de 16 a 20 anos, anteriormente distribuídos por dois escalões.

No escalão correspondente à idade de 8 a 11 anos há também alterações.

Passa a denominar-se «Cub Scouts» com abandono da designação «Wolf Cubs». As histórias da «Jangal», do «Kim», de «Mowgli, o menino-lobo», mantêm-se para os mais novos, mas desaparecem algum tempo depois da iniciação, substituídas pelas que possam convir a um adestramento que abrange doze grupos de actividade, alguns dos quais relacionados com a iniciação das ciências físicas e biológicas.

Deste modo, o Escotismo inglês, reduzindo de quatro para três os seus escalões, fica assim estruturado:

Cub Scouts, de 8 a 10 anos, inclusive.
Scouts, de 11 a 15 anos, inclusive.
Venture Scouts, de 16 a 20 anos, inclusive.

*

O escalão fundamental continua a ser o dos «Scouts» — 11 a 15 anos, porém o treino será revitalizado. Não há menos interesse pela vida ao ar livre, mas há escolha mais ampla e mais livre de actividades. Serão criados Centros onde pode praticar-se a vela, o voo em planadores, a engenharia, a electrónica, etc.

Em resumo: maior oportunidade para as realizações pessoais e um novo esquema para as «Badges», aptidões ou capacidades, não especializações, bem entendido, mas, todavia, seguindo um plano progressivo de adestramento.

Registe-se que *todos os «Scouts» terão que praticar obrigatòriamente alguma forma de serviço útil à comunidade.*

O sistema de patrulhas — actualmente aceite em toda a organização do trabalho, profissional ou não — será mantido com mais rigor ainda e o «guia de patrulha» vê aumentadas as responsabilidades da sua função de chefia.

O novo escalão para rapazes de 18 a 20 anos, «Venture Scouts», tem por fim completar o adestramento começado nos escalões anteriores e assegurar que os seus membros recebam todas as oportunidades e encorajamentos para ocuparem os seus lugares na Sociedade, na qualidade de jovens de *carácter* e de *valor.*

Este escalão é uma organização para «adultos» e estrutura-se como tal. Por isso os «Venture Scouts» se governam por si próprios por meio de comissões eleitas e elaboram os seus próprios programas, mas com uma subordinação rigorosíssima a preceitos superiormente estabelecidos. O que esta estrutura significa é um aumento de responsabilidade; não a concessão de privilégios.

O programa de adestramento é muito extenso, com uma banda muito larga de actividades, todas exigindo maturidade emocional, pelo que os jovens, com adolescência prolongada para além da puberdade, só o podem satisfazer se e quando resolverem deixar de ser crianças.

O Escotismo britânico — como se vê — não perde tempo com as exigências dos jovens. Ele é que lhes exige uma rápida integração nas responsabilidades do mundo dos adultos.

Aliás, com a nova reforma, esta exigência de maturidade é estabelecida em todos os escalões. Logo, no escalão de 8 a 10 anos, pela supressão da história de «Mowgli». Com efeito a Comissão considerou que os rapazinhos da escola primária estão, agora, muito mais interessados em viagens interplanetárias, na ficção científica, vida de animais e aventuras construtivas. O programa de adestramento exige muito mais aos actuais «Cub Scouts» do que exigia aos «Wolf Scouts». E, assim, sucessiva e crescentemente nos escalões seguintes e com rigorosa firmeza nos «Venture Scouts», a partir dos 16 anos.

*

Os «Scoutmasters» deixam de usar esta denominação e adoptam a de «leader», anteriormente usada pelos rapazes que chefiavam as *patrulhas.* Aumenta a exigência de preparação para o exercício desta função que inicialmente será autorizado com uma «permissão» válida por 2 anos, findos os quais se exige aprovação num curso especializado.

*

A modificação que tem atraído mais publicidade e fez a alegria dos caricaturistas refere-se ao uniforme, cujos modelos se baseiam na *Recomendação 253.*

«The wearing of shorts by members of the Movement is one of the most damaging aspects of our present public image. Scouting is dubbed a juvenile organisation, with adults dropping back to boy level because of our method of dress. Criticism is also being directed at the Boer War appearance of our uniform and here the wearing of shorts features high on the list of criticisms. Shorts are considered quite unsuitable for our climate and

Continua na pág. 7